

OS TRAJES JUNINOS:

Perspectivas Históricas e Culturais Através do Vestuário

Bianca Luna de Oliveira

Resumo

Este artigo explora as perspectivas históricas e culturais dos trajes juninos, vestimentas tradicionais utilizadas durante as festas juninas no Brasil. Através da análise de documentos e imagens, busca-se compreender a evolução e o significado desses trajes ao longo do tempo, destacando sua importância na construção da identidade cultural brasileira.

Se, ao nos vestirmos, contamos uma história sobre nosso íntimo e autoimagem, o que os trajes de grandes festividades populares podem nos dizer sobre nossa cultura e história nacional? Como a análise de padrões em vestimentas utilizados em festas juninas, celebradas principalmente na região nordeste do país, nos auxilia a traçar os caminhos da construção de uma identidade nacional e de pluralidade cultural? Usando os "trajes juninos" como documento dessas manifestações nos deparamos com a profunda e complexa riqueza do emaranhado desenvolvimento do Brasil. Com isso, este artigo apresenta-se como um estudo preliminar, o qual se encontra em processo de desenvolvimento, e visa explorar campos ainda não aprofundados sobre os trajes utilizados nas festas juninas e o que estes podem nos contar através da investigação dos elementos materiais e simbólicos.

Indumentária; Cultura Popular; Festa Junina

Bianca Luna de Oliveira é Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Pesquisa arte e cultura popular brasileira, em particular na perspectiva adquirida através de objetos têxteis e de indumentária.

Contato: biancaluna17@hotmail.com

Se considerarmos que *“a história do vestuário não é um simples inventário de imagens, mas um espelho do articulado entrelaçamento dos fenômenos socioeconômicos, políticos, culturais e de costumes que caracterizam determinada época”* (CALANCA, 2008, p. 27), naturalmente, presumimos que o vestuário pode atuar como um documento que é capaz de ser lido e interpretado de modo que se consiga extrair informações extrínsecas sobre, não apenas o indivíduo que o possuía, como também o meio social em que se encontrava. Ou seja, as vestes são espelhos da sociedade, seja sendo transgressora, em oposição às conjunturas vigentes (como exemplo, o movimento Punk) ou como completo enquadramento social, modismo. Contudo, como um documento ao qual se analisa, é necessário contextualizá-lo ao evento e a temporalidade definida para a pesquisa. Vejamos a aplicação da metodologia do estudo do traje como documento tomando como base o recorde nas festividades populares brasileiras, em especial às festas juninas.

Ao estudar os trajes festivos podemos traçar padrões estéticos mantidos como parte do folclore dessas manifestações, preservadas pela população. Contudo, essas heranças perpetuadas em objetos físicos podem nos dizer inclusive sobre suas origens e marcos importantes transcorridos pelo povo. Aqui encontramos uma questão de prima importância, visto que as manifestações populares não costumam manter um registro sistemático desde suas origens. Por serem comemorações que se cons-

troem vagarosamente e estão continuamente em desenvolvimento, seguindo os caminhos naturais das diversas culturas, pouco se há uma preocupação com a documentação escrita preliminarmente. Considerando esse obstáculo de carência de registros, ocorreu a aplicação desta metodologia de análise do objeto de vestuário ao contexto das festas juninas, em um recorte de pesquisa atrelado a uma hipótese pouco explorada.

De antemão, necessitamos brevemente compreender sobre a festividade em si. As origens das comemorações em homenagem à São João são difundidas como sendo atreladas a uma combinação de crenças e costumes divergentes. De um lado temos a conotação explícita cristã, pelo mês de junho (assim denominado festas juninas) possuir três datas comemorativas, assim sendo: dia de Santo Antônio, 13 de junho, São João Batista, 24 de junho, e São Pedro, 29 de junho. Esse ciclo festivo católico se encontrou com os costumes

dos povos originários habitantes da região, que hoje é o Brasil, e, concomitantemente, também poderiam se assemelhar, em um certo aspecto, às afirmações sobre celebrações, ditas pagãs, ocorridas durante o solstício de verão, no hemisfério norte, entre os dias 21 e 22 de junho, sendo que esses rituais desponta de tempos longínquos difíceis de delinear e, entre suas intenções, celebrava o novo ciclo de colheitas prósperas e a renovação do solo, ateando fogo às terras (RANGEL, 2008, p. 15). Assim, dificilmente conseguimos traçar um precursor, mas conseguimos encontrar ambas simbologias presentes nas festividades contemporâneas, tão representativo da pluralidade cultural nacional e característico de países colonizados. Esses cruzamentos não param apenas neste período de dominação mas estão presentes na posteridade ao nos depararmos com os próprios trajes juninos.

O que se vê ao encarar os padrões dessas vestimentas nos conta uma imprescindível parcela da história do Brasil. As características de modelagem, em especial aos vestidos de quadrilha, muito se assemelham às silhuetas da moda vigente

ao longo do século XIX, e se pontuarmos mais precisamente uma temporalidade conseguimos chegar em um período no qual foi de enorme importância para o desenvolvimento da nação e de sua identidade, a independência do Brasil. Até meados do século XX o país ainda era muito influenciado, como culturalmente, pelos países europeus e a moda nacional seria ainda mais dependente do cenário da moda europeia. Contudo, não apenas o Brasil, o mundo da moda nesse período oitocentista tinha seus olhos para a Europa e determinadas curiosidades ocorridas nesse continente poderiam nos explicar como certos detalhes das vestimentas foram se popularizar no Brasil. Como exemplo o uso das rendas em acabamentos dos vestidos. As rendas tiveram seu apogeu principalmente na Holanda do século XVII, mas com o passar das décadas foram vistas como "antiquadas" até a imple-

mentação de um decreto, em 1804, em que visava o retorno da moda das rendas nas cortes francesas, como almejado por Napoleão Bonaparte¹. Podemos observar que há uma necessidade do entendimento da historicidade do vestuário ao longo dos séculos e em localidades distintas, unido com uma apurada análise das informações para assim conseguirmos traçar uma possível narrativa para os trajes juninos.

Colocaremos então em prática uma breve análise desses trajes de festa junina discorrendo a partir do embaçamento visual e fundamentado com os conhecimentos de história do vestuário. Foi possível rastrear, até o momento, a utilização de vestimentas dessa festividade, hoje denominadas "roupas típicas" de festa junina, a partir das primeiras décadas do século XX. Através da observação da imagem a seguir, disponibilizado pelo Arquivo Nacional (Figura 01), poderá ser apontado semelhanças com períodos opostos, uma alusão ao vestuário do século XIX e as tão presentes vestes utilizadas na atualidade. Contudo, essa fotografia não pertence

1. Conforme a descrição da peça [*Ball Dress with Blonde Lace, c. 1815-1820*], acervo do Rijksmuseum.

a nenhum dos períodos apontados, trata-se da festividade ocorrida dentro do âmbito escolar, no Instituto de Educação (Rio de Janeiro), no ano de 1940.



Fig. 01: [Festa Junina e almoço no Instituto de Educação, Rio de Janeiro, RJ]. Rio de Janeiro, 1940, Negativo fotográfico, p&b, 4 × 6 cm. Fonte: Site do Arquivo Nacional.

As vestes femininas apresentam um padrão de silhueta vigente no período levantado pela hipótese, como o uso de saias e mangas igualmente volumosas, estamparia aparentemente florais, em sua maioria, laços e plissados. Todos esses aspectos se igualam demasiadamente com vestimentas do meio do século XIX, como observado na Figura 02. No que tange à única figura masculina, à margem esquerda da fotografia, podemos assemelhar a tão corriqueira presença do chapéu de palha presente ao longo de tantos anos, ao qual hoje está implícita a ligação com a estereotipada imagem do “povo da roça” ou “caipira”. É interessante ponderarmos sobre os estereótipos e preconceitos com determinados grupos sociais, como nesse caso, impostos à população rural. Esses aspectos estão impregnados nas vestes associadas com características do que seria uma veste do trabalho árduo, como o uso de remendos desuniformes, chapéu de palha e até o tingir de um dente, em alusão à falta de cuidados médicos e higiene precária. Essas ambiguidades simbólicas dos

trajes juninos entre uma representação da imagem de aristocracia europeia e o trabalhador rural brasileiro, pontuados entre esses opostos das vestes desgastadas e tecidos luxuosos de cetim e veludo, são pontos curiosos que também podem nos ajudar a observar as desigualdades sociais do país (CHIANCA, 2008, p. 53).

Esse exemplo de uma veste diurna inglesa datada de 1830 (Figura 02) poderia facilmente ser utilizado nas festividades contemporâneas visto que preenche todos os campos dos padrões citados anteriormente de trajes juninos. A moda vigente nesse período se identifica com o estilo romântico, criou-se uma idealização da mulher parecida com “anjos” ou uma alusão um tanto infantilizada, com saias em formato de sinos, evasê e com grande amplitude, inclusive próprias para dançar a quadrilha (essas saias foram adaptadas atualmente com um encurtamento, o qual também é visto na moda da década de 1830). Também



Fig. 2: [Day Dress, 1830]. Acervo de Victoria and Albert Museum. Textiles and Fashion Collection. Fonte: Site do Victoria and Albert Museum.

estão presentes mangas gigot, além de penteados e chapéus bem adornados (BOUCHER, 2010, pp. 335-338). Da mesma forma que também possuem a silhueta bem marcada na altura natural da cintura e estampas florais com a presença de cores vivas, tal como encontradas nos populares tecidos de chita, em que são intensamente utilizados nas festas juninas.

As diversas maneiras de se investigar um objeto indumentário são promissoras, esses são apenas alguns exemplos do que conseguimos extrair a partir de um apurado diagnóstico, possibilitando uma imensi-

dão de estudos históricos, sociais, artísticos e culturais em que é a população integrada e a cultura nacional como um todo que se beneficia através do reconhecimento e promoção da preservação da memória e do objeto. Conseguimos ponderar, assim, sobre a necessidade e carência de estudos no campo, fundamentalmente para as festas juninas, em que foi observado essa lacuna e possibilidade de aperfeiçoamento nas pesquisas. Vale o estímulo curioso na questão de quantas histórias podemos contar através de "meras roupas".

Referências

BOUCHER, François. **História do Vestuário no Ocidente**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. **Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa**. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

Day Dress, 1830. Acervo de Victoria and Albert Museum. Textiles and Fashion Collection. 160 × 70 × 70 cm. Disponível em: <<https://collections.vam.ac.uk/item/O142423/day-dress-unknown/>>. Acesso em: 15 de março de 2023.

Festa Junina e almoço no Instituto de Educação, Rio de Janeiro, RJ. Rio de Janeiro, 1940: [s.n], [1940]. 1 foto, Negativo fotográfico, p&b, 4 × 6 cm. Acervo do Arquivo Nacional. Disponível em: <https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1477601&v_abas=1>. Acesso em: 10 de março de 2023.

NACIF, Maria Cristina Volpi. **O vestuário como princípio de leitura do mundo**. Em: **XXIV Simpósio Nacional de História**. São Leopoldo: Associação Nacional de História, 2007.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas Juninas Festas de São João: origens, tradições e história**. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

ROCHE, Daniel. **A Cultura das Aparências**. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

Sites consultados:

Arquivo Nacional

Rijksmuseum

Victoria And Albert Museum